

A PEDAGOGIA SOCIAL E A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA – UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO REALIZADA COM GRUPO DE IDOSOS NO BAIRRO DA BALEIA - SÃO PEDRO DA ALDEIA - RJ

EDITE SANT'ANNA DA SILVA



Praia da Baleia - São Pedro da Aldeia. Fonte: Ideias.org.br. Inventário Turístico

A experiência narrada apresenta um trabalho de Oficina de grupos, com respaldo na Psicologia Social Comunitária e Pedagogia Social, realizada em seis Encontros, numa escola municipal, com vinte e cinco idosos entre 60 à 75 anos, alunos de duas turmas de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), recém-alfabetizados. Apesar de o número de participantes ser grande demais, o grupo era tão cativante, que não tive coragem de excluir do trabalho nenhum daqueles idosos.

O grupo apresentou, de início, um perfil de baixa autoestima e pouca interação entre si, num contexto institucional de muita alienação e onde as resistências ao trabalho da Pedagogia e Psicologia social eram muito perceptíveis e cujo ambiente era marcado pelo atravessamento do poder das influências políticas, numa cultura de baixa assertividade. Fico pensando que Freire (1970) já denunciava sobre a alfabetização de adultos que não alcança a profundidade sócio-política da questão, mas apenas fica superficialmente no nível cognitivo.

Além disso, Freire (1993) defende a importância de uma educação que não seja redutora da capacidade do homem de pensar, de fazer escolhas; que promova a capacidade crítica das classes populares de se manifestar, de lutar. E esses idosos, apesar de muito felizes por estarem lendo e assinando o nome, estão ainda engessados no quesito da expressão dos desejos, presos à opressão de sentirem-se ainda excluídos de uma

participação mais ativa na vida em comunidade; numa educação que ainda está longe de ser uma ação cultural que prime pela conquista do conhecimento crítico (FREIRE, 1984).

Os Encontros eram sempre divertidos, mas em alguns momentos, mobilizavam muita emoção. As técnicas sempre suscitavam recordações e até nos momentos de maior sensibilidade do grupo, aqueles idosos demonstravam uma abertura para o novo. Esperavam o trabalho com muitas expectativas e reclamavam quando a Oficina não acontecia, mesmo sendo avisados com antecedência (época das minhas avaliações na faculdade).

O bairro é uma colônia de pescadores, uma ponta de terra ladeada pela lagoa de Araruama e que tem uma fazenda antiga de um patrono do lugar, já falecido. Foi uma figura de destaque na mídia e prestou grande contribuição para a comunidade, inclusive doando o terreno para a construção da escola. Seus filhos continuam o trabalho do pai e dão suporte a essa escola, além de suprir a alimentação desses alunos com queijo, leite, doces, carnes, verduras e legumes, sempre com muita fartura. Inclusive, percebi que muitos filhos desses alunos jantavam na escola. Então, quem não é pescador, trabalha no comércio ou na lavoura, trabalhando nessa fazenda.

Pensando nisso, adaptei algumas técnicas e criei outras, para utilizar com o grupo, que se apresentava peculiar demais para as técnicas disponíveis. Assim é que esses idosos *pescaram* alguns sentimentos e puderam falar deles; escolheram suas frutas preferidas e trabalhamos a memória com elas; montaram suas *casinhas*, com um *kit de construção* (sucatas de marcenaria) onde cada conteúdo era diferente e eles teriam que montar, em grupo, uma casa.

Destaco alguns momentos da intervenção com esses idosos, que percebo relevantes pontuar. Alguns, da percepção que tive do grupo, mas também de minhas próprias emoções, conforme Lourau (1975, pp.88-89): “Estar implicado é, ao fim de tudo, admitir que eu sou objetivado por aquilo que pretendo objetivar: fenômenos, acontecimentos, grupos, ideias...” .

Havia um senhor que nunca se implicava, sempre se colocando como porta-voz dos colegas, talvez por ser mais antigo no lugar ou ter uma situação financeira diferenciada dos demais; fato é que sempre era o primeiro a falar

(e muito) e após a fala de algum colega, sempre entendia que precisava traduzir ou interpretar o que havia sido dito. Sempre polido e educado, meu prolixo idoso mantinha-se num patamar de superioridade, expressando-se muito bem, mas nunca falando de si mesmo.

Assim, num dia que pedi ao grupo que se apresentasse e me falasse alguma coisa de sua infância, ele, ao invés de relatar a sua (sempre se saía com subterfúgios quando eu pedia que falasse um pouco dele mesmo, mas aprendi na supervisão a ter uma postura de quem quer ouvir e não de quem já sabe o que o outro precisa), apresentou quase todo mundo, e ainda quis contar a infância de todos, com desculpa de que é morador antigo e conhece todos eles. O filho dele também faz parte do grupo e ele também quis contar a infância do filho, no que precisei interceder, para que o filho falasse. Até que um dia, esse senhor foi falar, depois de uma técnica, e desabou num choro que surpreendeu todo o grupo.

Depois disso, aquele senhor mudou. A tagarelice se esvaiu com aquelas lágrimas e ele se mostrou muito mais acessível ao grupo e ao trabalho, se colocando – não mais com o ar de superioridade – mas sua postura agora era de humildade e profunda integração grupal. E passou a ser não mais o prolixo de antes, como dita a minha contratransferência – mas um parceiro eficiente dos feedbacks do grupo, respeitando a fala de cada um.

Outra situação interessante foi a do Broinha, que relatou no grupo, com muito humor, suas desventuras escolares. E contou que, cada vez que não conseguia acertar a sabatina de tabuada, apanhava da professora, na infância. E o pior é que quanto mais tentava, menos aprendia e mais apanhava. Todos rimos muito, porque ele é um senhor muito divertido e, apesar da situação ser triste, agora já elaborada para ele, pode servir de exemplo para outros que ainda sofriam com a mesma questão.

Por isso, voltei a questão para o grupo, perguntando se alguém tinha alguma experiência parecida. Uma senhorinha disse que sim, também havia apanhado muito na escola. E disse que ficava com tanta raiva, que virava os livros, cadernos, carteiras e jogava tudo no chão, as carteiras, mesas, tudo; mas depois se arrependia muito. Uma das professoras pediu, carinhosamente, para que falasse de onde era e ela disse que era do Rio de Janeiro, e que fora criada num orfanato, pois não conhecera seus pais.

Quando dei a técnica dos bloquinhos de madeira, com sucatas de marcenaria para eles montarem uma casinha, o que chamei de *kit de construção*, o feedback que recebi foi interessantíssimo. Só pude conversar sobre a técnica na semana seguinte, e eles falaram das peças que sobraram na hora de montar a casinha. Um participante falou que ele pensou durante toda a semana que as peças que sobraram, para ele, lembram o tempo perdido sem estudar, porque era pobre. Depois riu, consertando, porque pobre ainda era, mas que agora “tem mais uma condição”.

Sobre isso, outro disse que as sobras poderiam ser os filhos que são deixados de lado, quando começam a dar trabalho e, então, são desprezados. Aproveitei para perguntar se alguém queria falar alguma coisa que não tivessem falado, olhei bem direto para a senhorinha que havia chorado e ela disse que não. Sorri para ela e percebi uma *porta* se abrindo ali. Essa era uma senhorinha *muda* (porque nunca aceitava dar opinião no grupo) que não interagia no grupo e seu olhar era muito triste e de menos valia.

Num outro momento, espalhei fotos em uma grande mesa, no centro da roda e eles teriam que sair da roda e vir escolher a foto que lhe evocasse algum sentimento ou alguma lembrança. Em seguida, voltavam para a roda e podiam falar o porquê de ter escolhido aquela foto. Todos foram falando, sendo que vários assuntos foram surgindo, como família, gestação, a beleza de um filho chegando na família, ecologia; um relatou que lembrou de seu filho falando que o amava, quando ele chegava cansado em casa; uma senhora lembrou dos netos que ela cuidara e agora, já grandes, só dois davam atenção a ela. Eu fui ouvindo e dando oportunidade para que eles também falassem uns aos outros sobre o que iam trazendo, sendo que o próprio grupo funcionava como um suporte e aconchego às dores uns dos outros.

A senhora que viveu no orfanato escolheu uma foto em que tinha uma senhora, que ela achou parecida com a mãe. Ela falou que sentia muita falta da sua mãe; devolvi para o grupo e vários deram a ela palavras encorajadoras. Foi bem interessante, porque eu falei pra eles no poder que o grupo tem pra ajudar um ao outro. E eles estavam aplicando isso entre eles. Eles iam apresentando sua foto e complementando com o que os outros já

havia falado. A senhora que nunca falara pegou uma foto e eu perguntei se ela não queria falar, ela disse que o senhor que falara sobre plantar árvore em todo lugar que morou já tinha falado o que ela iria falar. Achei aquilo uma vitória; nos encontros seguintes ela passou a se expressar mais no grupo.

Enfim, muitas foram as experiências que tive com esse grupo, o que poderiam encher muitas páginas, mas encerro com uma que me marcou muito como coordenadora de grupos, que foi um dia em que contei uma história para mim tão linda e significativa, *A Árvore generosa*, de Shel Silverstein. Quando terminei, devolvi a fala para o grupo e o meu senhorzinho falante contou uma história ainda mais linda e impactante, para completar a ideia da primeira.

Voltando para casa, tentei lembrar da história contada pelo senhor, para colocar no relatório, e não ficou nada em minha memória. Nem um resquício, por onde pudesse fazer algum resgate. Nada. Vi o quanto o coordenador também pode ser impactado junto com o grupo, numa via de mão dupla; afetando e sendo afetado, sem neutralidade.

Assim, estar na comunidade é obter experiências vividas na prática, atender as pessoas dentro do seu contexto social; auxiliando-as a lidar com suas questões que não são individuais, mas de uma comunidade. Para isso, contribuem tanto a Pedagogia Social com a Psicologia Social, auxiliando a comunidade em seus desafios e vulnerabilidades, desenvolvendo um sentimento de comunidade, fortalecendo vínculos, tornando seu relacionamento mais saudável, a partir do reconhecimento de potencialidades e aumento da autoestima e do autoconhecimento.

Edite SantAnna da Silva (Psicóloga, graduada em Letras/Literatura Brasileira, mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Endereço eletrônico: editesilvapsi@gmail.com)

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, P. Alfabetização de Adultos: Um quefazer neutro? **Revista Educação e Sociedade**, nº1. São Paulo. 1970.

FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez. 1993.

LOURAU, Renê. **A Análise Institucional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.